

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR	
Anno ou 52 números.....	25500 réis
Semestre ou 26 números.....	12500 "
Trimestre ou 13 ".....	7000 "
Avulso.....	60 "

ANNO I — 20 DE FEVEREIRO DE 1881 — N.º 1	
GERENTE-PROPRIETARIO — AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO	
Lisboa — Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º	

ASSIGNATURA	
BRAZIL	
Anno ou 52 números.....	75000 réis
Semestre ou 26 números.....	45000 "
Trimestre ou 13 ".....	25000 "
Avulso.....	200 "

SUMMARIO

Gravuras: — A caça ao urso; O interior da cathedral de Strasburgo; Bussy d'Amboise; Fumadores de opio.
Texto: — As nossas gravuras; D. Carlos, infante de Hespanha; Sombrinhas; O crime de Rivecourt; Expediente.

AS NOSSAS GRAVURAS

A CAÇA AO URSO. — Em toda a America é livre a caça. Qualquer amador d'este genero de diverti-

face do Omnipotente, o simples facto de ser proprietario da carabina não concede ao discipulo o direito de intitular-se caçador. Para conquistar esse glorioso titulo é preciso ter percorrido as re-

A caça ao urso faz-se de diversos modos, chegando alguns caçadores mais audazes a attaquarem-o no covil, quando o animal se acha adormecido pelos frios do inverno. O somno invernal do



A CAÇA AO URSO

mento parte para o campo com a sua espingarda, pólvora e chumbo, certo de que nenhum guarda, nenhuma auctoridade lhe pedirá contas do que vae fazer. Por consequencia todo o americano que possuir uma carabina é mais ou menos discipulo de Nemrod; mas ainda que o mestre, segundo affirmam as sagradas lettras, fosse o maior caçador perante a

giões menos povoadas, ou quasi desertas, para caçar o veado, o bisão, o caribu, a caça grossa enfim, e com especialidade o urso. O que tiver tido a boa fortuna de matar um urso, pôde tranquillamente adormecer á sombra de seus louros, porque é e será caçador, enquanto pertencer ao numero dos vivos.

urso é muito leve, e só com um numero infinito de precauções é que o indio ousa approximar-se d'elle, andando de rastos como uma cobra, levando em uma das mãos uma vela accesa e na outra a carabina. Depois de ter entrado no covil, colloca a vela n'uma anfractuosidade do rochedo, e esconde-se n'algum recanto.

O animal, porém, já o tem presentido, e manifesta o seu despertar e a sua colera por meio de grunhidos cada vez mais violentos. De repente levanta-se, dirige-se para a vela acesa, e tenta machucá-la. Eis que, porém, resôa nas paredes um tiro, e o urso cahe para não mais se levantar... excepto se o tiro não acertou; porque n'este caso é o homem que n'um abrir e fechar d'olhos não será mais do que um cadaver desfigurado.

É especialmente o urso pardo que os índios caçam d'esta forma. Quando o animal sahe do seu somno de inverno, ninguém ousaria atacá-lo. A pelle, que lhe cobre o corpo, é tão farta, que difficilmente deixa penetrar as ballas, e é tal a espessura do cráneo, que o torna quasi invulneravel.

Para atacar o urso preto nunca se vae só. É preciso ser atirador muito habil e experimentado para com o primeiro tiro deitar por terra o animal, que, sentindo-se ferido, redobra de ferocidade e de bravura.

O mais notavel caçador de ursos da Pensylvania era um homem chamado Quick, que habitava com seu filho Jonas em uma cabana no meio de um bosque. Um dia foi visitado por dois caçadores, que desejavam acompanhá-lo á caça.

Dirigiram-se para um ponto do bosque, que, por alguns signaes da neve, devia ser habitação de ursos. Era o principio do inverno; o solo já estava coberto de neve; mas o frio não era ainda tão intenso, que fizesse adormecer as feras, que elles pretendiam caçar. Começaram por fazer a armadilha, ou alcapão. Para esse fim abateram alguns pinheiros, que depois de cortados em pedaços de seis pés de comprimento, foram dispostos em tres montes, que constituíram um triangulo. Em um dos angulos havia apenas uma abertura de trez pés de largura.

No meio do triangulo ficava o laço, que era de ferro, d'um pezo consideravel, ligado a duas cadeias, uma solidamente presa a um tronco d'arvore, e a outra a um pedaço de madeira muito grosso e de seis pés de comprido.

O urso devia ser attrahido por uma peça de carne crua, collocada dentro do triangulo, de maneira que o animal lhe não podesse tocar sem cahir no laço.

Dispostas assim as cousas, os caçadores cobriram de folhas a armadilha, e voltaram para a cabana de Quick.

No dia seguinte pela manhã dirigiram-se ao lugar do alcapão cheios de interesse e de curiosidade. Conheceram de longe que o animal entrara no triangulo, e nutriram logo as mais lisongeiras esperanças de uma excellente caçada. Á medida, porém, que se approximavam, iam reconhecendo que não havia lá urso algum.

Jonas apressou o passo, e depois de observar a armadilha, veio trazer aos companheiros a noticia de que se tinha quebrado a cadeia e o urso tinha fugido com o laço e o pedaço de madeira.

Foi uma verdadeira decepção. Comtudo o animal não devia estar longe, e os vestigios que deixara, tornavam facil a pesquisa. Minutos depois, os caçadores puzeram-se outra vez a caminho. Seguindo sempre o rasto, foram ter ás margens de um lago. O solo apresentava constantemente nodos de sangue; o laço devia ter produzido uma grande ferida nas patas do animal, e suppunham os caçadores que elle estaria muito enfraquecido pela perda de sangue, e que, portanto, seria facil apanhá-lo. O velho Quick não era d'esta opinião.

De repente avistaram um corpo negro, que se levantou quando se approximaram. Era o urso. Tinha uma das patas deanteiras presa no laço, e sacudia aquelle pezado instrumento com tanta facilidade, como se fôra uma palha.

Os caçadores fizeram pontaria; e dispararam. A espingarda do velho Quick errou fogo; os dois outros companheiros apenas conseguiram ferir o animal na côxa, e Jonas reservára o seu tiro. A conjuntura era difficil e arriscada. O urso, bellissimo animal de um tamanho desmesurado, ergueu-se grunhindo por uma forma aterradora, e arremessou-se contra os aggressores.

Os dois amigos retiraram-se prudentemente para uma certa distancia. Quick pretendia fazer o mesmo, quando vê o filho que fazia pontaria sem querer fugir.

O urso lança-se sobre elle; ouve-se um tiro, e ao mesmo tempo um som metallico. Jonas disparou a espingarda; mas a bala, em vez de cravar-se no corpo do animal, foi achar-se no laço, que a fera mordida com desespero n'um accesso de raiva causado pela dôr.

Um segundo depois, Jonas vê o monstro deante de si; mais outro segundo, o infeliz cahira por terra; ainda mais outro, e ia ser suffocado; mas felizmente lá estava Quick, seu pae. O pobre velho correa com a velocidade do raio, e no momento em que o filho ia pagar com a vida a temeridade dos poucos annos, fendeo o cráneo do urso. Os caçadores, que durante este tempo, tinham novamente carregado as suas espingardas, acabaram de matar a fera cravando-lhe duas ballas no peito.

Jonas sabio da lucta com uma terrivel ferida na espada, que seu pae limpava e pensava com uma pericia surprehendente.

O corajoso rapaz, por nenhuma forma abatido nem desanimado com este desastre, voltou-se para os companheiros, exclamando: — Assim é que se aprende. —

O INTERIOR DA CATHEDRAL DE STRASBURGO. — A cathedral de Strasburgo é considerada, e com razão, uma obra prima da idade media. Juntamente com as de Friburgo e de Colonia ella constitue a magestosa trilogia da arte gothica do Rheno. Expressão completa e verdadeira dos seculos, em que florescia aquella audaciosa e elegante architectura, a cathedral de Strasburgo é o seu typo mais genuino e mais perfeito. Remonta a origem d'este sumptuoso monumento ao anno 504, em que Clovis, convertido ao christianismo, mandou erigir uma egreja de madeira sobre as ruínas de um templo pagão. Dagoberto substituiu-a por uma construcção de pedra; Pepino e depois Carlos Magno addicionaram-lhe um côro, que ainda existe.

Este primeiro templo foi incendiado pouco depois do anno mil; mas n'aquellas epochas os accidentes d'esta ordem eram causa de embellezamento e progressos, os edificios publicos renasciam das proprias ruínas, mais vastos e mais bellos. Em 1015 o bispo Werner de Habsburgo decretou a construcção de uma nova basilica, que só foi concluida dois seculos e meio depois, ainda que nos dezeseis primeiros annos tivessem trabalhado n'ella voluntariamente mais de cem mil pessoas, segundo referem os chronistas.

A construcção da torre foi empreendida em 1257 pelo architecto Erwin de Steinbach. Com a morte d'este, fei a obra continuada por seu filho

e sua filha, que tambem não lograram levá-la ao cabo, porque a famosa torre gastou mais de cento e sessenta annos para attingir a altura, que hoje tem. Datam de 1436 os ultimos trabalhos de alguma importancia feitos n'este prodigioso edificio; os modernos felizmente só teem necessitado fazer-lhe pequenas reparações. Sabe-se que a torre de Strasburgo é o ponto culminante de todas as construcções espalhadas pelo universo; a flecha, que tem pouco mais ou menos 143 metros de elevação, excede a cupula de S. Pedro em Roma, a cathedral de Vienna, a maior das pyramides do Egypto, etc.

A nossa gravura representa o interior da cathedral, e pouco diremos a esse respeito, porque este monumento é do numero pequenissimo d'aquelles, de que nunca se escrevem tantos louvores, que não fiquem merecendo muitos mais. Que espaço, que profunda erudição artistica, litteraria e scientifica seria necessario ter para dar uma noticia circunstanciada de todas as riquezas, curiosidades e obras d'arte, que adornam esta maravilha de architectura?

Para se fazer ideia da sua grandeza limitarnos-hemos a dizer que a nave é sustentada, de cada lado, por sete grupos de columnas, medindo aproximadamente 116 metros de comprimento, 40 de largura e 24 de altura.

BUSSY D'AMBOISE. — A corte de Henrique III, — que reinou em França desde 1574 até 1589, no meio dos mais graves acontecimentos — offerece um espectáculo sem rival na historia. O que principalmente a caracterizou na phrase de Anquetil, foi um *pendor universal para a intriga*. Os grandes e bem assim os principes, contrahiram o habito de separar da causa da patria a sua propria causa, e de grangear adhesões unicamente para si. Os fidalgos tinham por honroso emprego a mais entranhada dedicação aos que chamavam «seus senhores», e d'aqui provinha entre os protegidos e até entre os protectores uma rivalidade, que muitas vezes degenerava em questões pessoais: affrontavam-se, desafiavam-se: as mulheres tomavam parte n'estas pendencias, e um sem numero de intrigas pueris convertiam-se em negocios de estado.

O Louvre era uma especie de escola, em que a juventude da nobreza passava dias inteiros exercitando-se no jogo das armas. O talento mais apreciado e applaudido era o de atirar bem á pistola, e o de receber uma estocada com elegancia corajosa. O assassinio, a carnificina, o incendio constituíam o assumpto exclusivo das conversações, que excitavam os animos, davam logar a frequentes provocações, e serviam de pretexto ás empresas mais arduas e temerarias. As mulheres não procuravam inspirar sentimentos poeticos e apaixonados, mas enchiam-se de orgulho e de vaidade com as provas de exagerado affecto, que recebiam de seus adoradores tomados de uma louca exaltação. Era bello n'aquelles tempos, ao primeiro signal do objecto amado, precipitar-se o amante, sem saber nadar, nas aguas de um rio fundo e caudaloso, atacar as feras, fazer brotar das veias o seu proprio sangue com a ponta d'um punhal em presença da mulher dos seus sonhos, ou na ausencia d'ella para escrever-lhe protestos d'amor.

Como dissémos, o rei e os principes só cuidavam de grangear adeptos, attrahir a si os *bravos*, e *bravos* n'aquella epocha eram chamados principalmente os espadachins habeis e audaciosos.

Entre estes occupava um lugar eminente Bussy d'Amboise, para quem a maior felicidade consistia n'um duello. Conta Brantôme, que estando um fidalgo, chamado Saint-Phal, admirando a belleza de um bordado, notára com particular elogio a forma graciosa de um Z. Isto bastou para que Bussy, desejoso de bater-se com elle, affirmasse logo que era um X. D'aqui resultou um duello, e seguiram-se tantos outros, que o rei vio-se obrigado a intervir declarando que o Z tinha muita similitude com um X, e que portanto ambos os contendores tinham razão.

É facil comprehender que Henrique III desejava attrahir Bussy d'Amboise. Mas este preferio dedicar-se ao duque d'Anjou, irmão do rei, que logo jurou vingar-se.

Uma vez, fallando-se no Louvre acerca de um phantasma, que se dizia apparecer á meia-noite na rua de Santo Antonio — rua que então não era calçada nem illuminada, — Henrique III percebeu que Bussy encolhera os hombros. Desafiou-o a percorrer aquelle recinto á hora indicada. O denodado moço acceitou; porém tudo isto não passava de uma cilada. Apenas chegou ao lugar, uns vinte partidarios do rei dirigiram-se a elle, atacando-o. Bussy estava bem armado, e, graças á sua dextreza e coragem de leão, já tinha prostrado a maior parte dos aggressores, quando um dos restantes lhe vibrou á traição um golpe terrível.

Esta luta gigantea, sustentada por um só homem, tinha uma testemunha. A scena passava-se defronte do palacio da marquiza Diana de Meridor, que veio á janella attrahida pelo ruido. Cheia de piedade e admiração por aquelle, que estava alli perdendo o seu sangue e morrendo de fraqueza, desceu á rua com uma creada e recolheu-o em sua casa, onde elle cahiu desfallecido.

É a scena que representa a nossa gravura; notavel pela inquestionavel superioridade de concepção e de execução.

É necessario acrescentar que este drama teve um desenlace de comedia: acabou por casamento. Bussy deu a mão de esposo áquella que o recebeu em casa, prodigalizando-lhe todos os cuidados e carinhos. Feliz duellista!

FUMADORES DE OPIO. — Em toda a parte, nas mais diversas regiões da terra, nos tropicos ardentes, nos gelos arcticos, as mais differentes raças humanas tem buscado com soffreguidão recursos para acalmar a agitação da vida sem recorrerem immediatamente á morte. Os povos europeus valem-se do tabaco, narcotico aere que, como todos os seus congeneres, em pouco tempo domina despoticamente o systema nervoso de quem cedeu, n'um momento de fraqueza, ás suas tentações. Os povos da Azia Occidental valem-se do canhamo que lhes fornece o embrutecedor Hatchis. No interior da America encontramos, entre os povos que restam do imperio Inca, o uzo deploravel da koca, anestesico do estomago, que parece substituir o alimento e apenas adormece a fome. Os habitantes das ilhas da Oceania tem os seus narcoticos especiaes, ou substancias que actuam directamente sobre o systema nervoso, excitando-o em primeiro lugar e deprimindo-o finalmente.

Na China, o mais appetecido narcotico é o mais violento, o opio, succo solidificado da papoula que se cultiva em Malva e outras provincias da India temperada, e que dá origem a um vastissimo commercio com as provincias do sul do imperio chinez, avaliado na India Inglesa em

somma não inferior a £ 30.000.000 — duzentos e vinte e cinco mil contos. Seria comtudo erroneo suppor que o uzo de inhalar o fumo do opio seja commum a toda a China. Este uzo, que se tem localizado principalmente nas provincias maritimas meridionaes, encontrou sempre a mais decidida opposição por parte das auctoridades do imperio.

Ultimamente, tentamos produzir o opio nas possessões africanas para fornecermos esse mercado com a preciosa droga. Insensata empreza!

É na possessão portugueza de Macau, possessão esta que tem vivido da escravatura, e vive hoje de jogo, em todo o resto do imperio illicito, que ha muita occasião de observar a fundo a grande chaga chinesa: o uzo do opio.

Encontra-se frequentemente, nas ruas de Macau e Cantão, um homem livido, delinhado, magrissimo, de andar incerto e cambaleante. Nos seus olhos encovados, cercados por negras olheiras, habitualmente amortecidos, de vez em quando fuzila um relampago sinistro que logo se extingue. Esse homem vaguia na cidade, impaciente pelo momento de entrar no colao, fatal palacio do demonio do opio que o espera e lhe arranca miseravelmente os restos da condemnada existencia. Para elle não ha familia, não ha caricias de mulher nem affagos de filhos; as altas maximas moraes do grande Confucio são letra morta, os preceitos nobilissimos de Budha já os olvidou, o opio só agora o domina, e, para elle, faz as vezes de familia, religião e consciencia.

Quem seguir este homem, vel-o-ha dirigir-se a um edificio, que, pelo aspecto exterior, faz lembrar uma casa de pasto. Do interior sai um cheiro particular; é o cheiro nauseabundo das emanações do opio, que dentro se está queimando, porque essa casa é um estabelecimento especialmente dedicado aos fumadores da droga indiana.

A victima entrou.

As primeiras aspirações do narcotico excitaram-n'o com momentanea alegria. Sorveu mais, avidamente, mais e mais, até cabir desfallecido, ficando sem sentimento nem accordo, depois de ter dado mais esse passo para o sepulchro.

O fumador habitual do opio, quando dominado pelo terrível vicio, não tem mais de oito annos de vida, e esta, miserabilissima.

As mulheres não fumam, e é para notar-se que, em toda a parte, os narcoticos são quasi exclusivamente uzados pelos homens.

Uma circumstancia caracteristica é a opinião geral de que, no emprego dos differentes narcoticos e excitantes do systema nervoso, experimentam-se magicos enlevos, visões encantadoras, sensações de extranho prazer, uma embriaguez tão deliciosa que nada no mundo pôde equiparar-se-lhe.

Isto já foi dito do tabaco que, em tempos, era preconizado como panacea para todos os males. As legendas do Hatchis maravilharam muitas imaginações. Os milagres da koca ainda são artigos de fé para os observadores superficiaes, e assim de todas as mais substancias com que a humanidade adormece momentaneamente os males da vida.

Ora, todas essas maravilhosas e phantasticas asseverações são falsas; são outras tantas impossuras com que a humanidade se quer desculpar a si mesma, e justificar-se do uzo de substancias que se tornaram para muitos imperiosa e exigente necessidade.

GASTÃO MESNIER.

D. CARLOS

INFANTE DE HESPAÑHA

Entre os principes da christandade assumiu no seu tempo o odiado primogenito de Filipe II um lugar proprio, eminente, indiscutivel: foi o malissimo, o ineptissimo de todos elles. Engenharam-lhe, pelo tempo adeante, uns historiadores phantasticos, uns pensadores romanticos, sententias — incluo no numero o sonhador do Schiller — um renome com que mal pode o triste do rapaz, — de amante apaixonado e castissimo da graciosa franceza, sua madrasta e, um dia, sua noiva; de philosopho propenso ás novidades que a Allemanha então prégava pela bocca vehemente de Lutero; de propugnador ardente das liberdades de Flandres, conculcada mas fremente sob o tacho do despotismo hespanhol. E elle nada d'isso foi. Desde a primeira meninice, foi apenas o embrião d'um facinora; nunca viria em homem e em rei a deitar mais do que um Caligula muito pequeno e muito feroz, um Nerosinho accrescentado na crueza e diminuido na intelligencia e na cultura. Ha quem presuma porem que fôra simplesmente um alienado.

A sua morte solicitada pela mão cega dos agentes de Filipe, ou originada nos vicios incorrigiveis d'um organismo ingenuamente perverso, não foi decerto um mal grande para a Hespanha e para a metade do mundo que lhe trazia promettida do berço uma generosidade estúpida do destino.

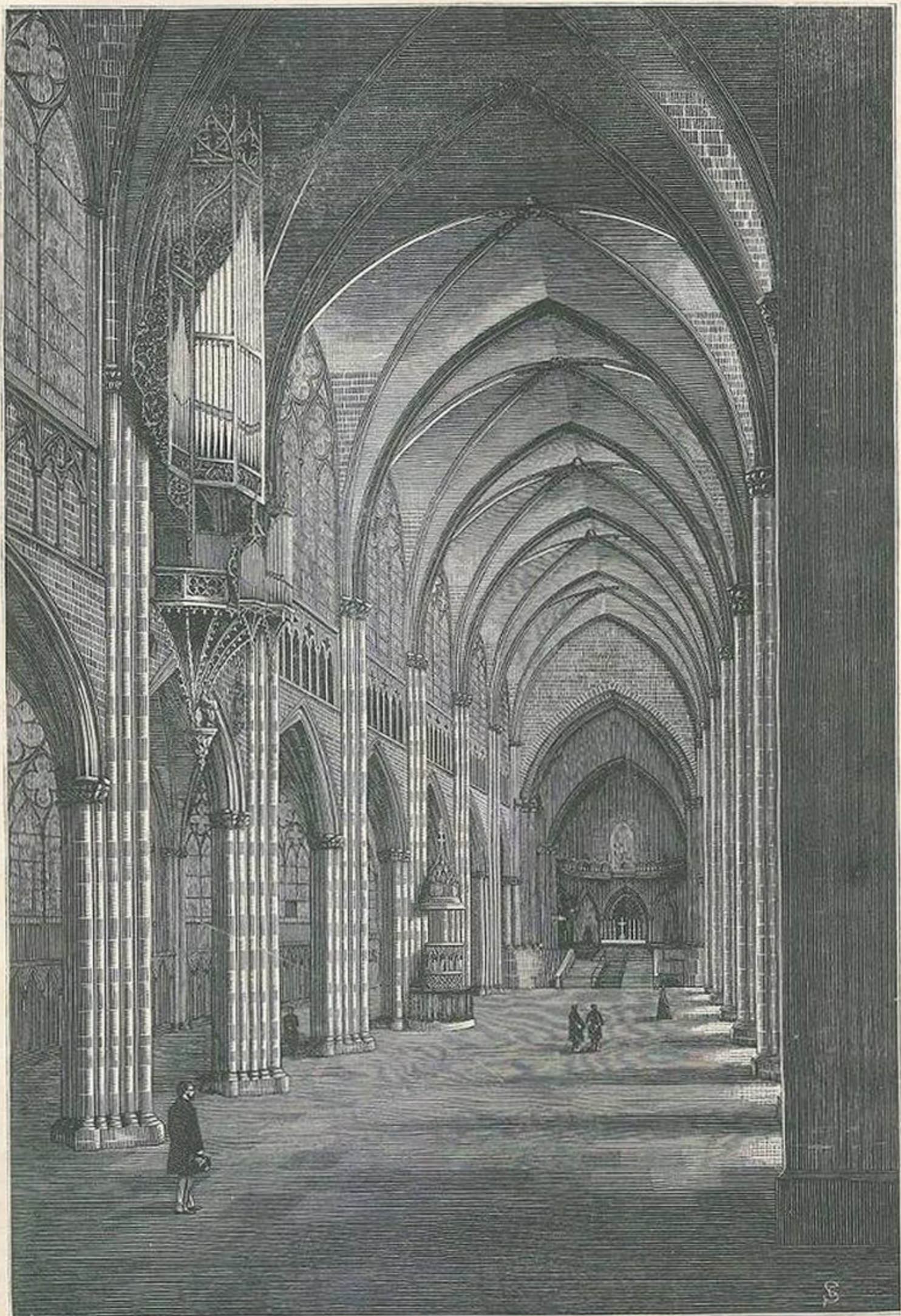
O rapaz era assim: quanto ao physico extremamente baixo, improporcionado e desgeitoso, curvo, louro, branco, feio, as faces consumidas por febres pertinazes, as pernas deseguaes, debilissima a compleição. No respeitante ao moral não era sensivelmente [melhor. Fixo e obstinado nas opiniões; impertinente e rude no inquirir; nas respostas aspero, desabrido, quasi brutal, era no comer, lambareiro, glotão, voraz; nos desejos, impetuoso e vario. Não o deleitavam as sciencias, não o deleitavam as artes, não o deleitavam as letras, nem os exercicios de mancebo honrado e cavalleiro, nem as armas, nem a caça. Distrahiam-n'o ineptamente as roupas, que fazia preparar em grande quantidade, joias, em que mandava abrir o seu retrato, e que via lavar com savoriadissimo prazer. Nada tinha no coração ou tinha turbilhões de colera que desatava a mais leve contrariedade, odios fundos, inextinguiveis para todos, mestres, servidores, cortezaes. Filipe, seu pae, era contemplado n'elles com amplissimo quinhão. Mais do que os seus perpoens de veludo e os seus justilhos de setim, multicolor e recamado, uma só cousa lhe estremecia a alma d'um jubilo ineffavel — o mal alheio. Quando esse mal era obra de suas mãos sentia-se abeberado de volupia. É d'indole ferissima, escreveu d'elle um diplomata que o viu e tratou de perto. De suas cruezas contavam-se de bocca em bocca historias e casos curiosos em Madrid, por toda a Hespanha. A tres, nada menos, de suas amas de leite mordeu elle, o promettedor infante, mordeu? devorou os seios a gulosas dentadas. Uma circumstancia lhe exprime o natural avesso e estranho: a primeira palavra que seus labios infantis de modo perceptivel lograram balbuciar foi — não! Sobre este não! riu com sabor o velho e glorioso imperador, seu avô, e aguçou galhofeiro um chiste malicioso. Media pelo nome e grandeza de seus interlocutores o desprezo com

que os tratava. Aos pequenos, aos humildes, aos desherdados de nome e de poder que acertava de encontrar em seu caminho tinha não raro um modo assaz exquisito de significar o seu real affecto — a varapau. Um dia persistiu em submeter

syllabos desatados ou palavras curtas e truncadas. Durante annos de sua existencia tediosa ignorou perfeitamente o prazer de dar, apreciando apenas o de receber; nos que precederam de perto a sua morte tornou-se, ao que parece, facil, prompto,

Não amou nunca; nunca ninguém o soube amar. Triste e solitario viveu, morreu triste e solitario.

Tal o viram os emissarios da Senhoria Sere-nissima, que sabiam ler claro no enredado dos negocios publicos e dos animos reacs e exprimir



O INTERIOR DA CATHEDRAL DE STRASBURGO

um d'estes miseros á interessante operação que no seculo passado povoou de tiples os palcos e as cathedraes. Os seus labios que mal sabiam rir e que até aos cinco annos se conservaram tristemente mudos, abriam-se mais tarde, nos raros dialogos do infante, para deixarem passar mono-

languissimo, prodigo até no dispende e dar, por birra, por ostentação. Nos ultimos tempos que viveu, se havemos de prestar credito a uma informação official, estafava tambem o espirito e o corpo, a espairecer os seus longos aborrecimentos, em praticas devotas e exercicios cavalleirosos.

claro o que ahi liam. E tal era elle, o infante hespanhol, herdeiro de meio mundo.

Se na Hespanha do seculo deseseis existe phisionomia mais antipathica e repulsiva do que a do coroadado solitario do Escorial, do homem que consumiu trinta e cinco annos de sua vida a cons-

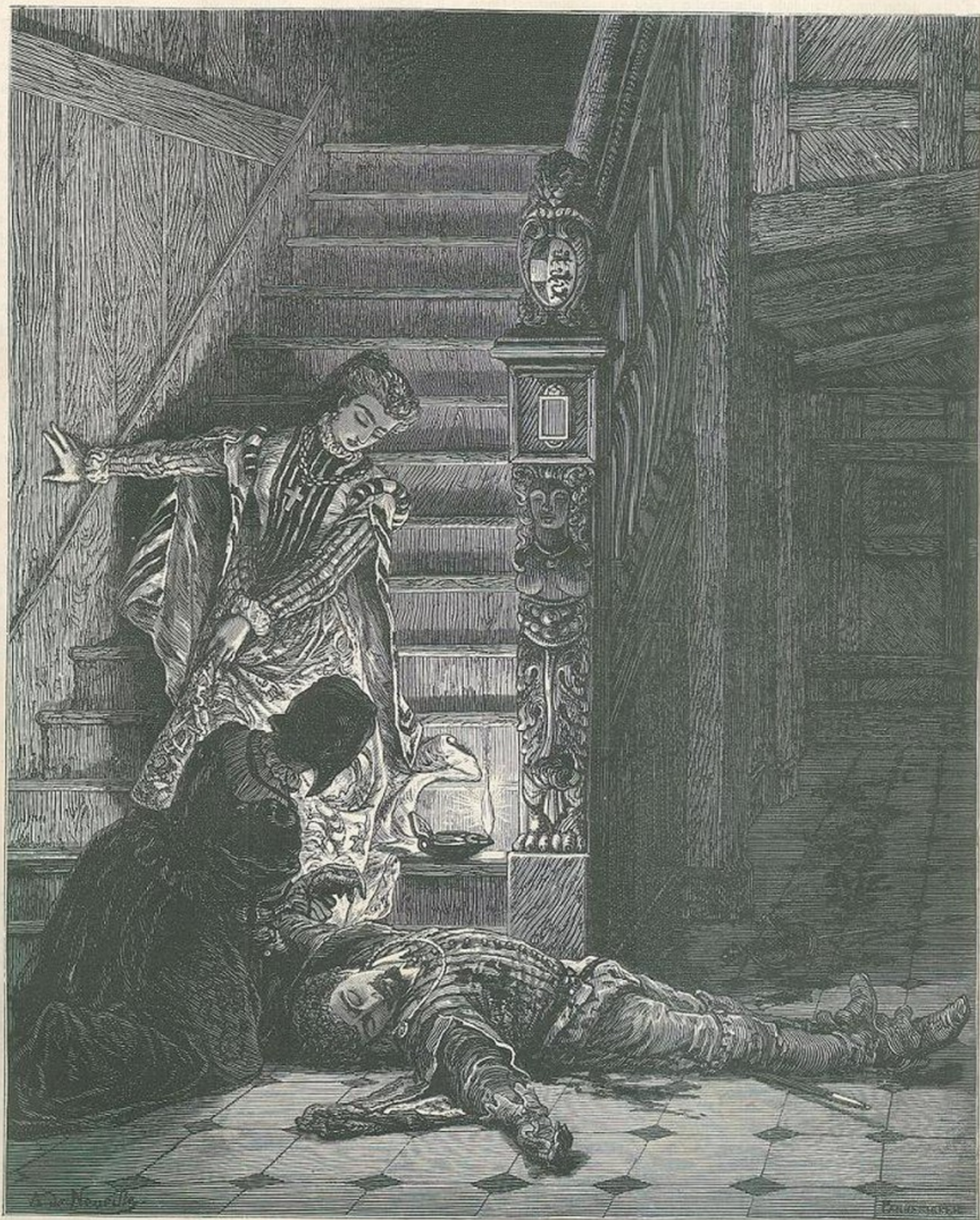
truir o proprio tumulo e a existencia inteira a levantar o das liberdades dos povos que regeu, é a d'esse real garoto, idiota ou malvado, cujo berço esqueceu o acaso nos degraus do mais grandioso throno de seu tempo e sobre cuja memoria um

SOMBRINHAS

(R. O.)

Quando elle apparece no Chiado, pelas 4 horas da tarde, a sua presença, posto que frequente,

um risco caprichosamente branco, que de longe parece feito a gis, calças de *cheviot*, largas, onde as suas pernas musculosas e fortes, de andarilho *dillettante*, recordam grossos cacetes nodosos embainhados em chaminés de transatlanticos. Um



BUSSY D'AMBOISE

grande poeta, seismador obstinado, enfermigo e feminil, implorou debalde o respeito e a admiração da posteridade desilludida e justa.

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

causa sempre sensação. É um colosso com um air bondosamente terrível. Veste de ordinario com uma simplicidade que contrasta com a sua antiga lemda e a desmente — jaquetão azul escuro, collette de igual fazenda onde um cordão de prata marca

grande chapeo inclina-se *crânement* sobre a sua orelha. A sua mão direita, calçada em luva de grossa pelle, empunha um bengalão da Tapada. Quando crusa os braços, gesto seu particular, esse bengalão perde o seu ar terrível e sae-lhe de sob

a curva do braço esquerdo, como uma espada tranqüilla de maior reformado.

É um bello e bom homem — um pouco difficil aux premiers abords, talvez. A sua grande cara tem um aspecto encantador de saude e de confiança. Os olhos — cansados e mortos do excesso de myopia e abuso das lentes — quando vistos através d'ellas, tem uma vivacidade admiravel e são dois auxiliares magnificos da sua loquella, intervindo a cada instante na phrase, sublinhando-a, indicando-a mesmo como o celebre risco tradicional das *Farpas*, o —, que é como que o gatilho do pequeno e scintillante *revolver* da ironia. O seu nariz é grosso, de ventas abertas e moveis. O seu proprietario deve ser sensível a perfumes, como Baudelaire que dizia: *Mon âme voltige sur les parfums, comme celle des autres sur la musique*. Os beiços, grossos tambem, sensuaes e vermelhos, possuindo um pequeno tic nervoso ou voluntario que os arrepanha e distende frequentemente. Bons dentes, dentes de comilão, brancos, fortes. Um bello bigode pretenciosamente retorcido nas extremidades e composto de pellos duros, como as sedas d'um solitario, suissas d'uma forma invejada e frequentemente imitada pelos caixeiros da baixa, que não podendo rivalisar com elle em folhetins, o seguem nas *côllettes*. Este bello busto assenta sobre um pescoço musculoso que elle antigamente exhibia a publico com uma prodigalidade que chegava á clavícula.

Quando elle caminha no Chiado pomposo, brilhante, como uma galera, de velas enfunadas, entrando uma barra, por entre aclamações, com bandeiras nos topos, — os seus pés calçados em bellos sapatos inglezes, de biqueira pontuada e de duas solas, abalam o asphalto com choques aerolythicos e involuntariamente procura-se com olhar receioso alguma fenda que o solo abrisse na sua passagem. Entre os vultos rachiticos e magros dos frequentadores da Havaneza, o seu bello arcabouço herculeo, de gymnasta, lança o sobresalto e a inveja que a presença d'um milionario causaria na Côte dos Milagres. Esbanja saude e força. Tem mesmo essa preocupação constante e a miudo, em conversas, compraz-se em citar as suas boas digestões tranquillas, os seus sonhos curtos, leves, sem pesadellos, os seus longos passeios de leguas, a Cintra, a Queluz, a Mafra, e as suas gymnasticas matutinas á Schroeder, os seus banhos de inverno e de verão, em largas tinhas, onde elle se agita á vontade, e uma larga esponja despeja sobre as suas costas cabelludas grandes golpes de agua fria.

Andou um tempo com a mania d'uma lesão de coração e foi ter com o dr. Mayer, o seu grande amigo, um que lhe não fica a dever nada em graça e originalidade de espirito.

Mayer quando foi informado do objecto da visita, coçou a cabeça como de costume e ordenou com a sua grossa voz imperiosa:

— Ponha-se nú.

— Para quê?

— Para eu o auscultar. Nú da cintura para cima.

Depois encostou o ouvido áquelle bello e vasto thorax e escutou com attenção.

Pouco depois, feito o exame, ergueu a cabeça, muito carrancudo, com aquelle ar cathetico com que elle igualmente bradaria:

— Para a meza!

ou

— Para a morte!

disse-lhe:

— Seguro-lhe a vida por 30 annos.

Desde então R. O. nunca pensou em lesões de coração — a doença dos que muito amam, segundo diz Dumas filho, no *Processo Clemenceau*.

O seu estylo é como o seu corpo, athletico mas flexivel. Ninguém ha que possua mais o *physico da sua maneira*. Quem o lê, imagina-o logo, e vê-o forte, agil, robusto, comendo bem, andando muito, espantando-se da magreza e da anemia dos outros, exactamente como aquella princeza que se admirava immenso de que o povo não comesse *bricoches*. A sua prosa é limpida, clara e cada vez menos torturada. Imagens irrompem a cada linha, como aves de azas de purpura e diamante, que erguem o vôo assustadas, dos poleiros verdejantes dos ramos. Tem uma predilecção pelo uso de termos scientificos, que exijam o auxilio de dicionario, façam pensar na sciencia de quem os escreve; mas quando se liberta d'essa preocupação, nada mais doce do que deixar-se vogar ao sabor d'aquelle estylo, manso e tranqüillo como um lago, em que se espelhe uma natureza inteira, e se reflectam todas as côres de todas as paletas, o verde das florestas, o oiro flammeante do sol, a palpação diamantina das estrellas, o branco perola do luar e o vasto e profundo azul irreductivel do céu.

Em conversação é brilhante e paradoxal. Não é fluentemente rapido na articulação da phrase e a sua voz hesita muita vez na escolha do termo, descausando n'um som guttural, inexprimivel por caracteres typographicos, mas de que talvez se approxime um pouco a expressão excêntrica — *á-á*. Interessa prodigiosamente e as suas historias tem sempre um angulo pittoresco, uma faceta scintillante de pedra preciosa. Falla muitas vezes nas suas viagens a Paris e é conhecida a sua proverbial predilecção pelos francezes, de cuja linguagem conhece todos os segredos, desde a bella forma impolluta das grandes concepções litterarias até o genero *canaille*, o *jacanez* da *Maison Dorée*, salpicado como de pingos de lama pelas phrases torpemente incisivas e pelas formulas obscenas, em moda nos circulos corruptos da decadencia *boulevardiana*.

No mais, um excellente homem, um coração de oiro, um caracter generoso e franco, com um pequenino traço sympathico de *bohemio*. Gosto immenso d'elle, palavra! e ás vezes, quando lhe oiço as suas bellas historias, ou leio os seus esplendidos artigos, dá-me vontade de agarrar com as duas mãos na sua grande cabeça redonda e penteada e dar-lhe nas faces dois grandes beijos castos, fraternaes e amigos.

Nobody.

ÉLIE BERTHET

O CRIME DE RIVECOURT

(TRADUÇÃO DE CUNHA E SA)

I

O serão na aldeia

Corria o mez de outubro e havia serão em casa da tia Hubert, lavradora remediada da aldeia de Rivecourt, na Picardia.

Povoada quasi exclusivamente de gente do campo, Rivecourt acha-se situada á beira de uma estrada, em meio de florestas onde abundam a caça, os caçadores furtivos e os guardas campos-

tres. Dava-se, porém, a circumstancia de que na epocha em que se passa o que vamos contar, via-se a um quarto de legua da aldeia uma construção immensa, de um gosto inqualificavel, ainda não concluida, com pretensões de ser um palacio aristocratico, e cujos trabalhos attrahiam á terra uma desusada affluencia de operarios de toda a ordem.

A reunião tinha lugar n'uma casa terrea, que servia de cosinha e sala á tia Hubert. A casa era de ladrilho, guarnecida por uma tósca mobilia, cuja peça mais vistosa era um ruidoso relógio de parede. Do alto de dois castiões de cobre derramavam duas velas a sua claridade enfumada; mas o que principalmente allumiava a sala era o fogo que brilhava na chaminé gigantesca.

Tinha a reunião um fim especial. A tia Hubert, corajosa viuva, que desde a morte do marido dirigia sósinha os trabalhos da lavoura e duplicara a sua modesta fortuna, devia casar a sua filha unica, Thereza, com o filho de um rico cultivador dos arredores, e o serão era, por assim dizer, uma festa de nupcias. Por isso, os jarros de cidra alinhavam-se com os copos baratos por cima da comprida meza; as castanhas estalavam como bombas no fogo, e sob a cinza estavam a coser saborosas batatas destinadas aos convivas.

Entre as mulheres presentes, notava-se em primeiro lugar a dona da casa, que não parava para que aos assistentes não faltassem a cidra nem as comidas; depois a sua filha Thereza, cujo nariz arrebitado e olhinho esperto, promettiam dar que fazer ao futuro marido, grande palerma de cara deslavada, que olhava para ella de bocca aberta sem lhe dizer palavra. Mas, sobre quem principalmente convergia a attenção era sobre uma interessante mulher de vinte e cinco a vinte e seis annos, fresca, rechonchuda, sempre risonha, afim de mostrar os dentes brancos como perolas. Vestida com certo apuro, procurava imitar as maneiras da cidade. Chamavam-lhe a sr.^a Lourenço. Era viuva, não tinha filhos, e possuía uma propriedade que fazia d'ella um dos melhores partidos da terra. Por isso, não faltavam os namorados á provocante viuva, e n'aquella mesma reunião, era o alvo de muitas assiduidades.

Entre os que procuravam agradar-lhe, achavam-se dois homens de aspecto muito differente. Um d'elles, muito novo ainda, e vestido com simplicidade mas muita decencia, tinha uns ares affaveis e modestos. Observava com admiração cada movimento da viuva Lourenço, procurava prever-lhe os menores desejos, approvava com um gesto cada uma das suas palavras. Este excellente rapaz chamava-se João Pedro, era orphão e creava com o seu trabalho um irmão e uma irmã, ainda incapazes de se sustentarem a si mesmos.

O outro, pelo contrario, que tem de desempenhar importante papel n'esta historia, era homem de trinta annos, de estatura quasi colossal, de rosto varonil e energico.

Exercia a profissão de tanoeiro. A sua casa era a melhor da aldeia, e passava por ser rico, tanto pelo seu patrimonio, como pelo da mulher, falecida havia poucos mezes. Chamava-se Hermano e era natural de Lorena; vivia, porém, na terra havia muito.

Em casa da lavradora, o tanoeiro parecia mais temido que amado. Fallava pouco, sempre em tom decidido, como homem que não tolera que o contradigam; o seu olhar rispido intimidava quem intentasse resistir-lhe.

O pobre João Pedro, desde que Hermano se installára, de cachimbo no canto da bocca, ao lado da joven viuva, já não se atrevia a chegar-se para ella e só a olhava a furto. A propria viuva, fascinada por aquelle homem imperioso, a ninguém escutava com mais interesse e com mais satisfação apparente do que o tanoeiro.

Passára a primeira parte da festa, quando a viuva, que já muitas vezes relanceara os olhos para uma porta interior, perguntou a Thereza Huberto, no modo de fallar da terra, que era a linguagem de que todos ali se serviam:

— Olá, ó Therezita, o tal janota de Paris que está hospedado no seu bello quarto, não apparecerá por aqui o seu bocado?

— Vem, vem, que m'o prometteu, — respondeu Thereza com ares presumidos, — e elle cumpre sempre o que promette. Tambem nos ha de servir de padrinho no nosso casamento, o que para nós é uma grande honra, não é assim, José Leroud?

O noivo da cara deslavada esfregou as mãos; mas muitos dos assistentes acolheram as palavras de Thereza com piscadellas de olho ou risinhos equivocos. Para dizer a verdade, a malicia dos habitantes de Rivecourt já debicára um pouco na pelle da menina Huberto e do sujeito de Paris, que havia dois mezes occupava um quarto na casa.

Ninguém, contudo, se atrevia a dizer claramente o que pensava; só Hermano disse com muito mau modo:

— Ora! se não ha de vir, aquelle adamado! Nunca falta onde apparecem damas... Mas esse sujeito, previno-as d'isso, tem umas taes maneiras que um dia rendem-lhe a sua conta!

As mulheres protestaram.

— Oh! Hermano! disse a viuva em tom de censura, pode fallar d'esse modo de um homem tão galante, tão perfeito?

— E que, accrescentou Thereza, ganha dinheiro a rôdo apenas a serapintar madeira e lona!

— Demais, sr. Hermano, não seria tão facil como isso o parisiense apanhar a sua conta. Apesar do seu fato apurado, da sua carinha bonita, tem um pulso solido, que eu sei...

— No outro dia, no Chateau Neuf, onde trabalha pintando as paredes de figuras, um diabo de um amassador, um latagão, metteu-se com elle e disse-lhe alguma coisa que não lhe agradou. O parisiense não esteve com meias medidas, agarrou o latagão, metteu-o debaixo do braço como um embrulho, e depois pôl-o fora da porta, com alguns pontapés... O amassador jura que nunca se metterá com elle.

— Isso é bom para os frangos como vocês que tem medo de um homem da cidade... Mas, se elle dêsse com um que lhe soubesse responder... Deixem estar que ainda hão de ver isso... talvez um dia d'estes!...

N'este momento, um homem de meia idade, que vestia uma especie de uniforme ou libré, com a chapa de guarda particular, approximou-se de Hermano e perguntou-lhe:

— É verdade, hoje não apparece por cá o seu sogro, o tio Martinho? Esperava encontrá-lo em casa da sr.^a Huberto.

Esta pergunta tão simples produziu no tanoeiro uma impressão extraordinaria. Fez-se muito pallido e respondeu apoz um momento de hesitação:

— Pois eu cá importa-me com o que faz o Martinho? Não me dou com elle desde a morte da

minha pobre mulher... um preguiçoso, um bebado que dá cabo de quanto tem; não deixa nada á minha filha, que está em Saint Valery, com a tia. Não é porque eu lhe queira mal, — accrescentou, mas nós não nos entendemos, como se sabe, e já não quero saber d'elle.

— Faz-me agora lembrar, disse a dona da casa, que de hontem para cá, ainda ninguém viu Martinho.

— Ora! — observou o guarda. Temos por ali obra de caça furtiva... Apesar de ser guarda, não se lhe dá de ir caçar nas terras dos mais; por isso tive uma vez de lhe levantar auto e de o pôr em difficuldades... Mas isto já lá vae e de certo que não me guarda reserva... Se o encontrasse aqui esta noite, estender-lhe-hia a mão e fariamos uma saude.

O guarda Lescot, fallando assim, tinha uns ares de franqueza e de bonhomia de que não se podia suspeitar.

Não obstante, Hermano disse meneando a cabeça:

— Basta, sr. Lescot, tem labia, mas a verdade é que vocês não gostam um do outro. Se succedesse alguma coisa a meu sogro, sabiamos a quem havíamos de tomar contas!

— E o que quer que lhe succeda? O que digo é que estimaria encontrá-lo... e espero que elle virá por ali hoje.

— Eil-o! — exclamou Thereza toda alegre.

Hermano estremeceu e voltou-se de repente, enquanto o guarda Lescot dizia:

— Quem? o tio Martinho? Onde está?

— Não é isso, respondeu Thereza, toda corada de satisfação; bem vê que é o sr. Leão, o nosso parisiense!

Effectivamente, a porta interior acabava de se abrir, e um mancebo, bem vestido, calçado de botas muito lustrosas, entrou na sala com demonstrações de civilidade muito exageradas para não serem ironicas.

II

O parisiense

Leão Girard era um artista de genio muito divertido. Discipulo de um mestre illustre, por pouco que não obtivera o premio grande de Roma, e revelára-se logo na estreia um artista de futuro.

Mas, por desgraça, Girard não dispunha de meios, e enquanto esperava riqueza e reputação, tinha de passar crueis necessidades.

Dissêmos que a alguma distancia da aldeia, se construía um vasto edificio, de architectura esquisita.

O proprietario era um banqueiro de Paris, agiota, especulador da mais odiosa especie, que ganhára muitos milhões em negocios vis. Tivera o capricho de mandar construir para si em Rivecourt, onde já possuía consideraveis terras, uma casa que excedesse em magnificencia ás mais sumptuosas habitações da provincia. De todos os planos que lhe haviam apresentado, escolhera o mais estravagante e apressára-se a fazel-o executar com grande dispendio.

Desejando que muitas das salas da sua futura residencia fossem pintadas a fresco, fôra ter com o mestre de Girard para o incumbir d'aquelle trabalho, ao qual destinava uma somma de vinte mil francos. O mestre não acceitou a incumbencia, mas arranjou as coisas de modo que a encomenda passou para o discipulo.

Era uma rude tarefa; tinha para um anno de trabalho, pois que se tratava de cobrir de pinturas cem metros quadrados, pelo menos, de paredes e tectos. Mas, ganhar vinte mil francos era uma fortuna para um pintor no principio da sua carreira. Girard disséra por isso adeus aos seus camaradas de Paris, e chegára alguns dias antes a Rivecourt.

Teria podido installar-se no palacio por acabar, mas o ruido dos operarios, a tristeza d'aquelle grande edificio todo de branco, e tambem o mau gosto da architectura, que offendia os instinctos de Leão, tinham-n'o decidido a ir morar para a aldeia.

Comtudo, como não existia em Rivecourt nenhuma especie de estalagem, installára-se em casa, de Huberto, que podia dispôr de um quarto aceado e lhe preparava as modestas refeições.

Era um genio folgazão, como já dissêmos, e sabendo que n'aquella noite havia reunião em casa tivera a divertida idéa de ali se apresentar n'um traje proprio de sala. Elle que não receava apparecer na unica rua de Rivecourt, de blusa manchada de tintas e de gôrro disforme, vestira uma calça clara, uma sobrecasaca preta e um colete de seda. Esmerára-se na barba e no cabello, e ficára assim, apesar do seu ar impertinente, um rapaz muito bonito.

Entrou, cumprimentou todos os homens com um aperto de mão, as mulheres com uma amabilidade que as arrebatava, e depois de se sentar, tomou parte na conversa geral mettendo a sua anecdota, que fazia pôr as mãos nas ilhargas aos que o ouviam.

Caminhava tudo perfeitamente em casa da tia Huberto, quando um homem de avental de coiro, com a apparencia de um cortador de lenha, entrou na sala.

Pela maneira como cumprimentou, pela sua cara discreta, podia-se advinhar que era portador de alguma importante noticia.

— Olha! é Bridou! — gritaram de todos os lados; boa noite, Bridou! .. O Bridou é muito capaz de beber um copo de cidra?

Bridou acceitou o copo e despejou-o de um trago.

— Obrigado, disse em tom lugubre, sentando-se; estava precisado de beber, porque tinha a lingua pegada ao céu da bocca. Mas pelo que vejo, proseguir deitando em volta um olhar muito admirado, vocês estão para ali muito socegados... não sabem então o que se passa?

— O que é, Bridou?

— O que! pois ainda ninguém sabe nada? De facto, só eu e o Rigonet, e depois o seuhor maire e o juiz de paz, é que temos conhecimento d'isso... N'esse caso, eu lhes vou contar. Esta noite, o tio Martinho foi encontrado assassinado nas terras do Bois-Brulé.

— Assassinado!

Estabeleceu-se profundo silencio.

Só o pintor murmurou entre dentes:

— Esta historia pode ser muito interessante, mas o principio não é muito alegre.

Ninguém levantou observação.

Um dos circumstantes disse em seguida:

— Pobre Martinho!... E sabe-se quem seria o auctor?

— Algum caçador furtivo ou algum guarda, acudiu promptamente Hermano.

— Talvez não passasse de alguma fatalidade na caça, disse o guarda Lescot. O Martinho servia-se

de uma espingarda enferrujada, que mais tarde ou mais cedo, devia rebentar-lhe nas mãos.

Bridou fez que lhe enchessem novamente o copo e continuou em tom magistral:

— Quem foi o auctor? Eis o que os espertos hão de dizer; contudo, eu e Rigonet, podemos dizer muita coisa a esse respeito... vão ver:

«Eu ando com o Rigonet a arrancar troncos de arvore no Grand Chaume, a menos de cem passos do Bois-Brulé. Ora, hontem á noite, pelas seis horas, quando começava a anoitecer e nos dispunhamos a recolher, ouvimos no bosque dois tiros de espingarda, desfechados com pequeno intervallo um do outro.

Um dos tiros produziu uma luz muito viva que illuminou o cimo das arvores; o outro não produziu luz, mas não foi menos forte.

«— Bom! disse eu para o Rigonet, ahí estão uns sujeitinhos de emboscada e que hão de ceir melhor que nós!... mas isto não é comnosco, vamo-nos embora.

«E pozemo-nos a caminho.

«Já não pensavamos em tal, quando esta ma-

«Procurámos por muito tempo no sitio da floresta, onde na vespera á noite havíamos ouvido os dois tiros de espingarda. Finalmente, dirigidos pelos corvos, que continuavam a voar fazendo muita grasnada, descobrimos o que dava causa áquella affluencia de aves daminhas. Não era nem lebre nem cabrito, era o pobre do Martinho, que jazia morto atravessado n'um atalho... Entrara-lhe uma bala no peito, despedaçara-lhe o craneo outra bala. Alem d'isso tinha a cara toda retalhada, como se o tivessem querido completamente desfigurar, ou se tivessem cevado n'elle com furor...

«Mas nós não nos enganámos, porque o conhecemos perfeitamente. Demais, tinha a sua chapa de guarda; e a espingarda estava carregada a dois passos d'elle.»

Bridou callou-se para avaliar o effeito que a sua narrativa produzia. Em todos os rostos se manifestava o horror.

— E o que fizeste então, Bridou? perguntou uma voz.

— O que havia de melhor a fazer, respondeu

Na sociedade continuava a reinar profundo silencio.

Parecia que pairava em todos os labios uma pergunta, que ninguém se atrevia a proferir.

Com a sua costumada levandade, foi Leão Girard que exprimiu o pensamento commum:

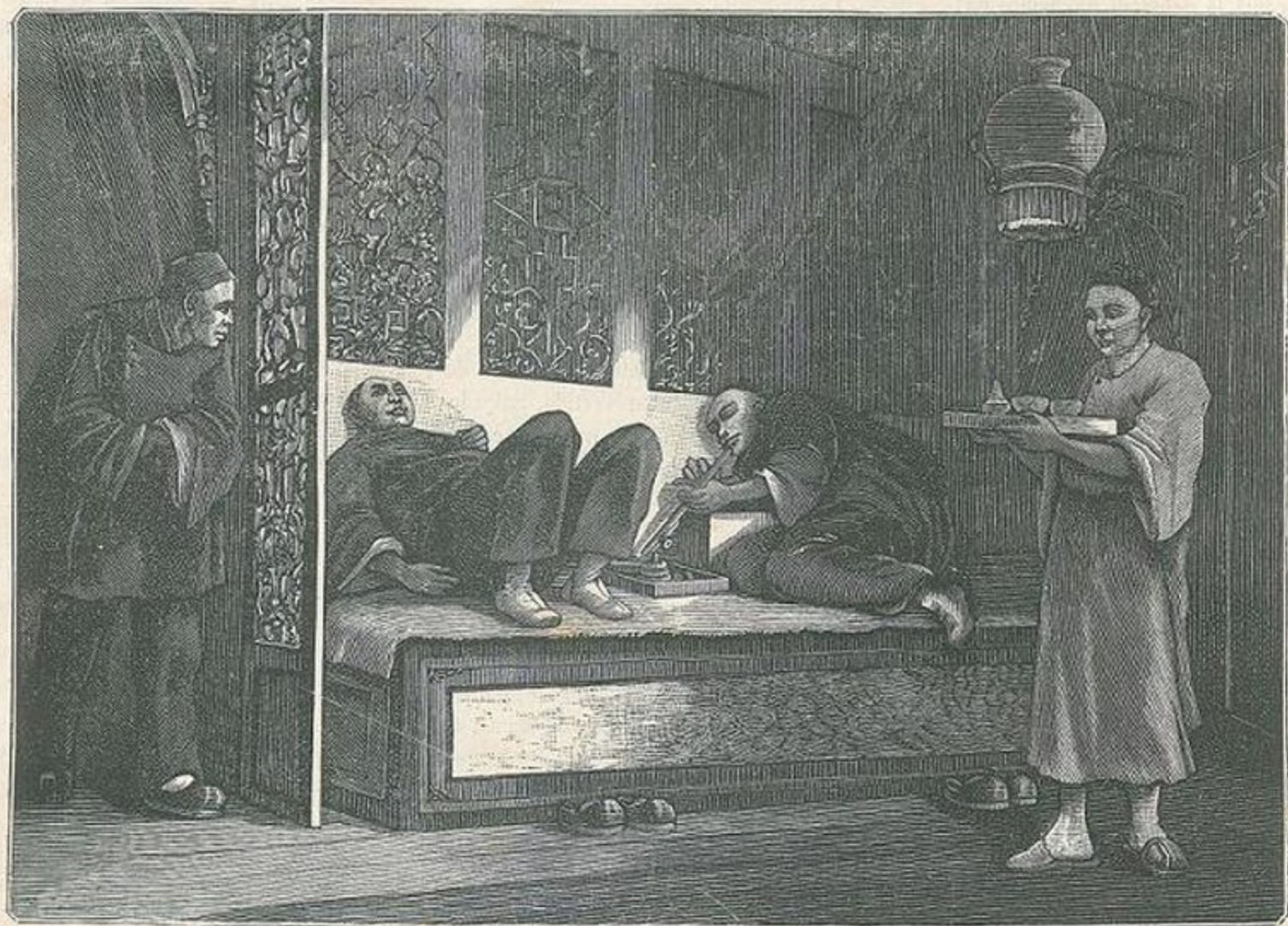
— Olá, ó amigo, e sabe-se quem foi que matou esse pobre diabo?

— Não, replicou Bridou laconicamente.

Ninguém disse palavra; nenhum dos circumstantes se atreveu a olhar para o seu visinho.

— O que! pois entre os indícios que os magistrados recolheram, não se descobriu nada que podesse servir de rasto?

— Nada, á força de procurarem poderam apañhar uma buxa feita com um pedaço de jornal e um pau de phosphoro recentemente queimado... mais nada. Quanto ao pobre Martinho, é fóra de duvida que não se defendeu; foi alcançado de improviso por uma bala, enquanto espreitava algum caçador furtivo ou elle proprio caçava a furto. Apesar de ter ficado bem morto ao primeiro tiro, atiraram-lhe por segunda vez á queima rou-



FUMADORES DE OPIO

nhã, ao trabalhar no mesmo sitio, vi um bando de corvos que grasnavam por cima do bosque; e depois as pegas e os gaios piavam. Pareceu-me esquisito e disse a Rigonet:

«— Rigonet, temos corvos e pegas.

«— Ora, o que nos importa? perguntou Rigonet que não é esperto.

«— Não percebes que as pegas e os corvos são atraídos por alguma peça de caça que os caçadores terão perdido hontem? Vamos ver; talvez, que ceemos hoje uma lebre ou um cabrito!

«— Lá isso é verdade, replicou Rigonet, que, deve-se-lhe fazer justiça, não teimou: Vamos lá.

Bridou. Fomos immediatamente prevenir o maire, que da sua parte preveniu o juiz de paz e os gendarmes. Dirigiram-se todos na nossa companhia para Bois-Brulé; mas, como nós não atravessámos a aldeia, vocês não souberam nada. Em Bois-Brulé examinaram tudo, mediram distancias, tomaram notas, depois interrogaram-nos, a mim e ao Rigonet, e contámos o que tínhamos ouvido na vespera. Depois, fizeram-nos conduzir para aqui e tivemos de assignar o auto do corpo de delicto conforme podemos... Aqui as coisas demoraram-se muito e só ha bocado nos deixaram partir... Por isso eu e o meu camarada estamos que não podemos.

E Bridou estendeu novamente o copo.

pa, e além d'isso, desfiguraram-n'o... É claro que o matador detestava grandemente o tio Martinho!

— Desgraçada coisa! disse o guarda Lescot.

(Continua).

EXPEDIENTE

Muitos dos nossos assignantes mostraram o desejo de que o titulo—JORNAL DO DOMINGO—fosse impresso a tinta preta. Para evitar equívocos e futuras reclamações, declaramos que foi sempre nossa intenção imprimir com tinta encarnada unicamente o titulo do primeiro numero, á imitação do que se pratica no estrangeiro. Os numeros que se lhe seguirem serão, pois, impressos a preto.